

social

TRABALHO VOLUNTÁRIO PROMOVE A HUMANIZAÇÃO DA SAÚDE



Exercitando a cidadania

A medicina não pára de evoluir para possibilitar a cura e amenizar o sofrimento de pacientes, especialmente daqueles que têm doenças crônicas, como o câncer e a AIDS. Mas não bastam recursos, avanços técnicos e profissionais renomados, se faltar conforto psicológico e atendimento humanizado. Muitas vezes deparamos com ambientes bem equipados e confortáveis, mas frios, sem alma. O que tem feito diferença e ajudado a promover a humanização da saúde é a força de vontade e o comprometimento de pessoas que, cada vez mais, se dedicam ao trabalho voluntário.

A palavra “voluntário” vem do latim *voluntariu* e significa vontade própria, ato espontâneo. Segundo definição da ONU, “o voluntário é o jovem ou adulto que, devido ao seu interesse pessoal e ao seu espírito cívico, dedica parte do seu tempo, sem remuneração alguma, a diversas formas de atividade, organizadas ou não, de bem-estar social, ou outros campos”. No Brasil, o voluntariado sempre esteve historicamente associado à motivação religiosa e à assistencialista. Hoje, há um consenso entre grupos e pessoas envolvidas com esse tipo de trabalho: valores como caridade e compaixão perdem espaço para cidadania, responsabilidade social e solidariedade.

Para a coordenadora do INCAvoluntário, Emília Rebelo, o voluntário precisa ser engajado, participante e consciente de que está mudando a realidade, e não fazendo caridade. Mais que isso, precisa saber da sua importância para a instituição onde atua. “O espírito cívico e o comprometimento são primordiais, porque o voluntário não trabalha quando quer ou quando pode. Há um compromisso que deve ser cumprido com regularidade”, explica. A presidente da Casa Ronald, Sônia Neves, complementa: “Ao assumir um compromisso como esse, nos tornamos uma referência e um ponto de apoio tanto para pacientes quanto para a própria instituição”.



Darcia Vian

Maria Rosária justifica: “Faço porque gosto de gente”.

Em geral, o trabalho voluntário nasce de um impulso pessoal, solidário e de forte caráter emocional, como aconteceu com Lindalva Franco de Araújo, de 57 anos. Ao descobrir o câncer de mama, de útero e de abdômen, ela conta que foi abandonada pela família e acabou perdendo tudo o que tinha. Mas, após o término do tratamento, pôde resgatar a cidadania no ateliê do INCAvoluntário, onde aprendeu artesanato e passou a vender bolsas e chinelos. Com a renda, comprou cama, colchão, TV e telefone. “Hoje sou alguém e ajudo minha mãe. Se não fosse o aprendizado nas oficinas junto ao voluntariado, eu estaria na rua”, emociona-se.

De acordo com a pesquisa da doutora em Psicologia Clínica, pela PUC de São Paulo, Eliana Ribas, a média de horas dedicadas ao voluntariado é de 74 horas por ano, ou 6 horas mensais, sendo que 58% concentram-se nas instituições religiosas e apenas 6,5% na área da Saúde. Segundo pesquisa do Datafolha realizada em 2001, há uma predominância de mulheres (56%), a maioria (44%) acima de 40 anos, e da classe média - 36% são da Classe B, 33% da C, 19% da D e apenas 12% da A.

Aos 53 anos, Maria Rosária encaixa-se nesse perfil. Sua rotina está dividida entre os cuidados com a casa e a família, e sua grande paixão: o tra-

balho voluntário. “Ajudar essas pessoas e poder oferecer algum conforto é o que me motiva”, explica. O trabalho que, a princípio e por lei, seria realizado uma vez por semana, em jornadas de quatro horas, acaba se estendendo por abnegação e dedicação da própria voluntária. Integrante do INCAvoluntário, seu horário na recreação infantil é das 11h às 14h, mas ela sempre chega mais cedo e acaba saindo bem mais tarde. “Chego aqui com vontade de doar, mas o que recebo em troca não tem preço. Hoje, não imagino minha vida sem o sorriso destas crianças”, explica.

Para os pacientes, o apoio significa muitas vezes melhor resposta ao tratamento. É o caso de Walter Storino, de 38 anos, que, submetido a uma laringectomia total, em decorrência de um tumor nas cordas vocais, só se recuperou da depressão e reaprendeu a comunicar-se graças ao apoio de uma voluntária, Joenir Daumas. Ex-paciente submetida à mesma cirurgia e já totalmente recuperada, ela o convenceu a participar do grupo de apoio aos laringectomizados, promovido pelo INCAvoluntário. Lá, aprendeu os exercícios com a filha, o que o ajudou muito. “Com um mês de grupo, eu já falava com a voz esofágica. Mas, não fosse o apoio de uma voluntária, eu não conseguiria”, conclui.

Nem só de motivação pessoal sobrevive o voluntariado. Cabe à instituição valorizá-lo por meio de treinamentos, reciclagens e cursos que permitam a qualificação dos seus serviços. No INCA, por exemplo, a capacitação é feita por meio de cursos, palestras e seminários realizados regularmente, além do constante intercâmbio de experiências com outras instituições e grupos voluntários. Para preparar-se e ambientar-se onde o trauma da morte é constante, os voluntários precisam de até um ano de treinamento, dividido em três etapas. Na primeira, os candidatos conhecem o que é e como funciona o Instituto.

Segundo Emília Rebelo, muitas pessoas são desestimuladas a continuar o processo de seleção e formação ou porque chegam com a esperança de aumentar as chances de contratação para algum emprego formal no INCA, ou por não terem uma exata noção das exigências para esse tipo de trabalho. Na segunda etapa, os voluntários fazem a inscrição conforme a aptidão e a disponibilidade de horário. Por último, são entrevistados pelo coordenador da atividade e, se aceitos, passam para o treinamento, que conta com a orientação de médico, enfermeira, psicólogo, assistente social e fisioterapeuta. Numa das seleções, de 1.400 candidatos apenas 100 foram aprovados.

Na Associação Saúde Crianças Renascer, organização que auxilia na reestruturação familiar de pacientes infantis do Hospital Lagoa, no Rio de Janeiro, não poderia ser diferente. A coordenadora da equipe de mães voluntárias, Mirtha Cuitino, de 63 anos, dedica-se à Associação há 14 anos e defende o rigoroso processo de seleção. O objetivo é avaliar e preservar a condição psicológica do próprio voluntário, que poderá ser preparado para executar uma atividade mais próxima de seu perfil. “Dependendo da função, não podemos aceitar pessoas muito emotivas”, cita. Hoje, a ASCR conta com 140 voluntários e mais 38 funcionários que atendem a 250 famílias e 850 crianças e adolescentes.

São três unidades de atendimento: Sala de Recreação do Hospital da Lagoa, Sede, no Parque Lage, e Casa das Oficinas/Administração, no Jardim Botânico. A Associação oferece um plano de ação familiar, estruturado em cinco áreas: saúde, profissionalização, moradia, educação e cidadania. Professora particular e tradutora, Mirtha adequou sua rotina ao atendimento auxiliar às famílias dessas crianças o qual, segundo ela, é motivado pela necessidade da população e o descaso dos governantes com os que precisam. “Minha maior recompensa vem do reconhecimento das mães e da melhora das crianças”, afirma.

E de onde vem o dinheiro para manter toda essa



Duda Vian

estrutura? Doações de pessoas físicas e jurídicas, além de convênios. É assim em praticamente todos os grupos e instituições de trabalho voluntário. A Casa Ronald disponibiliza, em seu site, um quadro de prestação de contas, com uma listagem completa de tudo o que é consumido mensalmente em suas dependências, da alimentação à higiene. Mas a presidente e voluntária, Sônia Neves, garante que a maior parte das doações é de depósitos em conta corrente. A Instituição foi criada em 1994, por influência do então diretor-geral do INCA, Marcos Moraes, idealizador de um espaço onde as crianças pudessem se hospedar durante o início do tratamento, fase em que precisam ficar diariamente no hospital.

Os fundadores da Casa Ronald eram voluntários do próprio Instituto e vivenciavam as dificuldades das crianças e das mães em manterem o tratamento. Para o INCA,

UMA LEGÍTIMA ‘LEOA DO NORTE’

“Eu sou mameluco, sou de casa forte, sou de Pernambuco, eu sou o leão do Norte”. O refrão da canção de Lenine e Paulo César Pinheiro poderia ter sido inspirado pela história de outra pernambucana: Mirian Rangel Rodrigues. Ela é um exemplo de dedicação e compromisso voluntários. Mãe de três filhos, hoje, aos 69 anos, orgulha-se da instituição que ela mesma fundou há 37 anos, na garra e na coragem: a Apada – Associação de Pais e Amigos do Deficiente Auditivo, localizada em Niterói. O projeto começou em julho de 1969, logo que sua filha caçula perdeu totalmente a audição, uma seqüela da meningite contraída aos dois anos. Na época, recém-chegada de Recife, sua cidade natal, enquanto ainda se adaptava à nova cidade, batia de porta em porta das escolas e creches, que insistentemente se recusavam a receber crianças surdas, como sua filha. “Só havia escola para este tipo de deficiência após os sete anos. Como eu poderia aceitar isso? Resolvi então fundar minha própria creche”, resume. Seu primeiro passo foi correr todas as escolas pedindo a indicação e os contatos de outros pais na mesma situação. “Meu objetivo era que nos uníssemos e concretizássemos aquele projeto, mas o primeiro encontro foi uma ducha de água fria”, revela. Incrédulos, todos a aconselhavam a desistir, mas Mirian não desanimou e continuou a busca por parceiros até que, em 20 de novembro do mesmo ano, fundou a Apada. Hoje, a instituição conta com 70 funcionários. Atende, só na creche, a mais de 60 crianças de até seis anos. Tem clínica especializada, conveniada ao SUS, com uma média de 40 atendimentos diários, que incluem psicologia, fonoaudiologia, psicopedagogia e serviço social. Apenas os diretores são voluntários. A Associação também forma anualmente 150 pessoas da comunidade em Libras, a linguagem dos surdos, e oferece, em parceria com a Universidade Federal Fluminense (UFF), curso profissionalizante de intérprete. Desde a sua fundação, cerca de 20 mil crianças deficientes auditivas passaram pela Apada. “Me orgulho de todos os nossos ex-alunos que, graças a este trabalho, levam uma vida social e profissional absolutamente normal”, diz, exultante. Entre os serviços diferenciais, a Associação recebe, em suas dependências, sempre uma vez por semana, os irmãos ouvintes de seus alunos. Eles também aprendem a linguagem dos sinais, facilitando a interação com as outras crianças. A Apada é ainda a primeira Central de Intérpretes de Sinais, que disponibiliza gratuitamente acompanhamento para deficientes auditivos a delegacias, a audiências, ou mesmo para o atendimento em espaços públicos. A fundadora e diretora social, Mirian Rangel, não pára por aí. “Ainda este ano sai do papel nosso projeto de uma panificadora-escola, que oferecerá curso profissionalizante aos deficientes. A renda ainda auxiliará no financiamento de nossa estrutura”, anuncia.

a parceria foi fundamental, pela possibilidade de disponibilizar mais leitos a quem realmente precisava. “Eram comuns os casos de crianças que, embora necessitassem apenas do tratamento ambulatorial, residiam muito longe do hospital e acabavam ocupando o leito pela falta de condições e recursos para o transporte”, lembra Sônia.

O INCAvoluntário existe desde 2001, mas o voluntariado surgiu com a própria Instituição, há 70 anos. Hoje, já são mais de 700 voluntários que trabalham com ações educacionais, recreativas, de integração social e lazer. O objetivo é proporcionar o bem-estar não só aos pacientes do instituto e a seus familiares, como também à comunidade em geral. “Tentamos recuperar certos valores, principalmente a solidariedade e a cidadania. Afinal, o hospital é voltado para a vida, não para a doença”, afirma Emília Rebelo. ■

Para saber mais sobre o trabalho das instituições citadas, acesse:

- . Associação Saúde Crianças Renascer (www.criancarenascer.org.br)
- . Apada – Associação de Pais e Amigos do Deficiente Auditivo (www.apada.org.br)
- . Casa Ronald (www.casaronald.org.br)
- . INCAvoluntário (www.inca.gov.br)